

Do autor de *O demonologista*

MASON COILE



Seu conceito
de casa
mal-assombrada
foi atualizado
com sucesso.

WILLIAM



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MASON COLE

WILLIAM



Planeta minotauro

Tradução
ALINE S. PEREIRA



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Andrew Pyper Enterprises Inc., 2024

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Aline S. Pereira, 2024

Todos os direitos reservados.

Título original: *William*

Preparação: Marcela Prado Neublum

Revisão: Thiago Bio e Wélida Muniz

Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao

Capa: Fabio Oliveira

Imagens de capa: Yolande de Kort / Trevillion Images;

Sergey Eremin / Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Coile, Mason

William / Mason Coile ; tradução de Aline S. Pereira. -- São Paulo :
Planeta do Brasil, 2025.

224 p.

ISBN 978-85-422-3193-9

1. Ficção canadense 2. Horror I. Título II. Pereira, Aline S.

25-0491

CDD C813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção canadense



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1.

Cada manhã parecia a primeira para Henry. Talvez isso tivesse a ver com o fato de trabalhar com códigos, aquelas sequências detalhadas de números aparentemente sem importância que davam vida a alguma coisa, a algo que jamais existira antes. Ou talvez fosse porque sua aversão a sair de casa tinha ficado tão grande que havia muito tempo desistira de tentar, agarrando-se à única maravilha que ainda estava ao seu alcance. Lily. A mulher sentada na cadeira ao lado de sua cama, sorrindo daquele jeito adorável e levemente atormentado que ele, às vezes, via como o efeito colateral de um amor avassalador e, em outras, somente como pena.

— Foi uma noite ruim — diz ela.

— Eu estava roncando?

— Você estava tendo um pesadelo. Acordou como se eu tivesse disparado uma arma perto do seu ouvido.

— E disparou?

Os óculos dela são redondos, grandes demais para seu rosto, de um jeito que corta o coração de Henry. Ela os coloca contra a testa.

— Com o que sonhou?

— Com a mesma coisa — responde ele. — Mais ou menos.

— Me conta.

— Por quê? Sonhos são estúpidos. Não temos coisas mais importantes para...?

— Os sonhos mostram quem somos — interrompe a esposa, e arrasta a cadeira um pouco mais para perto, tocando o queixo com um interesse de médico. — Não acha que todos nós precisamos de uma ajudinha com isso?

Henry interpreta o “todos nós” como se fosse dirigido apenas a si mesmo. Ele precisava de ajuda para saber quem é. É típico de Lily dizer algo assim: solidário e curioso na superfície, mas passivamente superior. O desejo de tê-la ao seu lado é tão grande que ele a perdoa por fazê-lo se sentir uma piada, algo que talvez ela compartilhe mais tarde com os amigos para diverti-los. Ou, pior, para despertar pena neles.

— É a nossa casa. Esta casa — conta Henry. — Estou andando pelos corredores como se não tivesse controle dos meus movimentos. Vagueando, sabe?

— Sei.

— E subo a escada para o segundo andar. É aí que começo a ficar com medo.

— Medo de...?

— Não disso. Não exatamente...

— Então é...?

— Uma sensação. Como se eu soubesse que uma coisa ruim vai acontecer, mas não pudesse impedir.

— E você não consegue acordar.

— Não consigo fazer *nada* a não ser seguir para onde tenho que ir.

— O sótão.

— A escada para o sótão, isso. É onde eu paro. Fico olhando para a porta. Só que é diferente da porta real. Essa está coberta de correntes e cadeados, de cima a baixo. Como se quem os colocou ali achasse que nunca seriam suficientes e continuasse acrescentando mais e mais.

Nunca dá para prever o que vai prender a atenção de Lily e o que vai fazer com que ela se distraia e o deixe sozinho com o que considera ser “os projetos de estimação” dele. Henry muitas vezes sente que existe um fio de conversa ainda não explorado que a manteria ao seu lado por mais tempo, talvez até a trouxesse de volta de vez, se ao menos conseguisse encontrar o tema ou o assunto certo. No passado, cometera o erro de pensar que ela queria que ele fosse mais divertido. Mas, depois de tentar imitar o charme dos protagonistas dos filmes dos quais ela gosta, notou que quanto mais se esforçava, menos sedutor ela o achava. Isso o faz querer perguntar o que ela considerava mais atraente nele antes de se casarem — alguma qualidade que ainda possuía e que possa tentar reforçar —, mas teme que ela diga que não se lembra.

— E depois? — pergunta ela.

— Ouço uma voz atrás da porta.

— A voz daquilo.

— É.

— Mas não conseguiu entender o que dizia.

— Das outras vezes, não. Mas desta vez consegui.

Ela se endireita na cadeira.

— E o que era?

— Estava citando alguma coisa. Trechos de um livro. Um poema ou romance. Talvez a Bíblia? Algo que tinha decorado. E estava falando sério.

— Como assim?

— As palavras não eram suas, mas eram a verdade do seu ser. Como se fosse outra voz falando através daquilo.

— O que a voz disse?

— “Eu sou o espírito da eterna negação, pois todas as coisas que existem merecem perecer.”

— Você decorou isso?

— Acho que foi marcante.

— Merda. — Ela estremece, um gesto teatral que se transforma em um tremor genuíno. — *Eterna negação.* Meio sombrio, Henry.

— Não estava pensando no significado disso enquanto acontecia. Só percebi que, fosse o que fosse, aquela coisa estava falando sério.

— Pelo menos isso fez você acordar.

— Não foi isso que me acordou.

— O que foi, então?

As trancas não vão aguentar. É o que Henry se lembra de ter sentido, mas não diz para não assustar Lily. Nem mesmo todas as correntes e todos os cadeados do mundo fariam diferença. Porque o que o deixava apavorado não era a coisa do outro lado da porta, mas a nova presença que havia se juntado a ela. Algo que não poderia ser contado.

— Um sussurro — responde Henry, enfim. — Mas, quando me aproximei, percebi que não era um sussurro. Era uma mão. Dedos roçando o lado de dentro da porta. E então... bum! Algo bateu contra a madeira, com força o suficiente para rachá-la. Foi isso que me acordou.

Lily estremece de novo.

— Bem, você está aqui agora.

— Onde mais eu estaria?

— Essa foi boa — responde ela, balançando a cabeça com um misto de humor e tristeza que ele considera sua marca registrada, embora às vezes se pergunte se não está interpretando errado. Talvez sempre tenha se perguntado. — Essa foi boa.



2.

As coisas não vão bem entre eles, mas não estão tão ruins assim. Essa é a crença que ele sustentou por tanto tempo que se tornou um clichê, tão reconfortante como acreditar que existe um paraíso à nossa espera após a morte. Mas às vezes, como agora, teme que sua avaliação sobre a distância transponível entre ele e a esposa seja um erro de julgamento – o mesmo cometido por milhões de maridos um pouco antes do fim. Normalmente não sente falta de ter amigos, mas quando esse pensamento surge, sente. Talvez fosse útil conhecer um homem da sua idade e com a mesma experiência que pudesse lhe dizer se seus problemas eram benignos ou terminais.

Mas Lily está aqui agora. Pode ser que não existam palavras mágicas para fazê-la ficar, mas mostrar sua preocupação por ela com certeza não faria mal. Assim que abre a boca para falar, percebe que talvez esteja errado quanto a isso também.

— Como você se sente?

— Estou grávida, Henry, não doente.

— Claro. Claro que não. É que sei como às vezes pode ser desconfortável para as mulheres. O processo. É compreensível.

— O processo?

Ela ri de forma breve, resignada, mas não sem certa afeição. *Ele é inútil, mas está tentando.* É assim que ele interpreta. Nos últimos tempos, tem sido o melhor que consegue.

— Quando vamos...

— Não.

— ... conversar?

Ele se endireita contra a cabeceira da cama, estendendo a mão até a barriga arredondada da esposa para sentir a vida ali dentro, mas ela se afasta. Uma hesitação. Foi isso que ele viu? Não um recuo, o ato de não querer ser tocada, mas um reflexo do corpo. Era como se ela se afastasse dele com repulsa, e não com raiva, frieza ou mágoa.

— Hoje, não — responde ela. — Em breve.

— É solitário acordar neste quarto sozinho.

— Eu sei.

— Quanto tempo mais eu...?

— Hoje, não. — Ela se afasta tão de repente que os óculos escorregam de novo para a ponta do nariz.

Henry era um tolo quando se tratava de casamento e se esforçava para entendê-lo com o desespero desajeitado de um homem que, se afogando, tenta manusear um colete salva-vidas. Mas sabia o suficiente para perceber quando devia deixar quieto. Às vezes era preciso esperar que aquele machucado dolorido escurecesse antes de desaparecer, mesmo que, olhando para trás, não conseguisse se lembrar do golpe que o havia causado.

Lily vai até a janela do outro lado do quarto.

— Abrir cortina — diz ela.

A pesada cortina se abre sozinha. A luz da manhã passa por uma fresta, depois se expande pelo espaço.



Planeta minotauro

Henry pisca, ainda sentado na cama, em parte devido à claridade, em parte para se proteger da desolação do quarto. Uma única cadeira com ripas de madeira entalhada no encosto (os nós salientes e incômodos para quem se apoia nela). Um tapete pequeno demais para o ambiente, deixando os cantos frios e expostos. A cama de casal que acomoda confortavelmente uma só pessoa. A organização meticulosa de um quarto de hóspedes vazio.

— Abrir janela — diz Lily.

A pesada vidraça automaticamente se abre. Agora, em vez de luz, é o ar que roça sua pele. Ela o inspira: o aroma fresco e mineral do outono, o qual associa a uma caverna virada do avesso.

O sol se derrama rua abaixo e respinga nos olmos e nas paredes de cedro da casa dos vizinhos, manchando tudo de tons laranja e ferrugem. É a parte da cidade onde os ricos costumavam morar, donos de fábrica, médicos e destiladores. Após algumas décadas de negligência, um novo grupo de profissionais – investidores de startup, trabalhadores de tecnologia que fazem home-office e consultores especializados em certos nichos – havia chegado para fazer reformas de bom gosto e pendurar cadeiras de balanço na varanda.

Dava para tirar sarro disso; o bairro parecia um parque de diversões nostálgico. Lily às vezes tirava, e usava esses exatos termos. Mas também era incontestavelmente encantador, as propriedades largas e compridas, cada fachada uma defesa arquitetônica da América, ou da ideia de América. Não era um condomínio fechado, mas sua exclusividade era visível. A fantasia de cidade universitária do norte do estado,

que há muito se pensava extinta, voltava à vida no conjunto de quarteirões de cada um dos lados.

Até os sons da manhã eram agradáveis. Cantos de pássaro e balbucios de criança na calçada, a caminho da escola, drones de entrega se esquivando lá no alto por entre os galhos, zunindo como abelhas. Lily olha para os pais conduzindo os filhos ou levando-os nos ombros e fica pensando com qual deles vai fazer amizade quando se juntar ao grupo.

Leva um segundo para entender por que as crianças estão vestidas daquele jeito. Super-heróis baixinhos, assassinos com máscaras de hóquei e bruxas de rosto verde a caminho da creche. As decorações estavam na casa dos vizinhos há duas semanas, mas se acostumara com elas e esquecera o motivo pelo qual haviam sido colocadas lá. Em quase todos os gramados há um cemitério de papel machê, e em quase todas as árvores, uma teia de corda e uma aranha feita de sacos de lixo cheios. Não há nada disso na propriedade de Lily e Henry. Eles nunca decoraram a casa para esse ou qualquer outro feriado.

— Halloween — diz ela.

— O quê?

Ela fala mais alto, sem se virar:

— É manhã de Halloween.

— Devemos comprar doces?

— Nós alguma vez distribuímos doces?

Ele pensa na pergunta como se ela escondesse uma charada.

— Não — responde. — Mas podemos começar.

— Não temos nenhuma lanterna de abóbora na porta, nem luzes ou decorações. Ninguém vai vir até a nossa casa.

— Uma ida à loja. É só o que precisamos.

Ela agora olha para Henry. Um instante que se transforma em um momento de apreciação profunda, seus ombros baixando devagar, cedendo.

— É uma boa ideia. E é gentil da sua parte sugerir isso. Mas acho que nós dois sabemos que você não vai até a loja, Henry. E mesmo que fosse, mesmo que pudesse, consegue se imaginar abrindo a porta para estranhos?

— Você tem razão — concorda ele, balançando a cabeça. — Acho que não conseguiria.

— Não sem eu ter que ligar para a emergência.

Ele bufa. É o sinal que faz a ela, reconhecendo como a vida dos dois é moldada daquela maneira devido às deficiências dele, e somente dele.

Ela cruza os braços e volta a olhar para fora, uma atitude que ele decide interpretar como satisfação. Errou em pressioná-la a falar. A gravidez provocava uma tempestade química no corpo, lera tudo sobre o assunto. Isso significava que Lily estava atravessando ondas invisíveis aos olhos dele. Não tinha o direito de exigir a atenção dela. E ele havia dedicado tanto tempo ao trabalho, à própria criação, que agora se via obrigado a ser paciente.

— Tem bastante coisa na geladeira — diz ele. — Vou fazer omelete para a gente.

Ela franze o cenho.

— Você não se lembra, não é?

— Aparentemente, não.

— Vamos receber algumas pessoas para o brunch. Paige e Davis.

— Eu esqueci. Seus antigos colegas de trabalho.

— Achei que seria bom para você conversar com alguém que não seja eu, para variar.

— É — concorda ele. — Boa.

— Estou tentando te ajudar.

— Eu sei. Mas preciso fazer isso sozinho.

Mais uma vez, ela inclina a cabeça para o lado dele, com um interesse inesperado.

— Fazer o quê?

— Me livrar do que quer que esteja me assustando aqui. — Ele dá batidinhas na lateral da cabeça. — E acho que agora eu consigo.

— Por quê?

— Porque já sei a causa. Quanto mais eu trabalhava no meu projeto, pior a fobia ficava. Então preciso me afastar e, quando o bebê chegar, vou...

— Você não precisa...

— ... conseguir ir lá fora.

Ela aperta os lábios e os entreabre, úmidos.

— O que faria se conseguisse fazer isso?

— Passearia com ela no carrinho. Levaria ela ao parque.

— Ela?

— Acho que imaginei uma menina... não que isso importe. Só não quero mais continuar doente. Por ela. Ou ele.

Lily vê sua sinceridade e isso a entenece. Descruza os braços e ergue as mãos, estendendo-as para ele por um breve instante, antes de pousá-las outra vez ao lado do corpo.

— Como vai fazer isso?

— Lembrando este momento. Como me sinto neste exato momento.

— Uma doença como a sua não é só questão de motivação, sabe? Não se trata apenas de sentimentos.

— Você está certa. É uma questão de força de vontade, de me dedicar às coisas em que eu deveria ter me concentrado há muito tempo.

— Você anda concentrado — sugere ela. — Tem estado tão envolvido no seu projeto.

— Envolvido demais. Me desculpe por isso também.

Ele tem que fazer alguma coisa. Agora mesmo. Uma abertura surgiu, tem certeza. A ocasião para uma demonstração de afeto, um presente espontâneo, uma súplica. O tipo de gesto para o qual leva menos jeito. Mas a ideia de Lily ir embora com essas perguntas pairando sobre os dois precisa ser amenizada de alguma forma.

— Eu te amo, Lily.

Ela aperta os lábios, que formam linhas finas. Poderia ser o começo de um sorriso. Fica sem saber se é isso ou se ela está se preparando para dizer algo desagradável quando um homenzinho de cartola entra pedalando no quarto.